

O MUSEU DE ARTE DA UFC E A SUA ATUAÇÃO EM TEMPOS PANDÊMICOS: EXPERIÊNCIAS E EXPERIMENTAÇÕES EM GESTÃO E EXPOSIÇÃO

Submetido em 05/10/2020
Aceito em 05/02/2021

Graciele Karine Siqueira¹
Helem Cristina Ribeiro de Oliveira Correia²
Saulo Moreno Rocha³
Museu de Arte da UFC - Mauc⁴

RESUMO: Este artigo apresenta experiências de gestão e exposição desenvolvidas pelo Museu de Arte da UFC (Mauc) em tempos de pandemia. Reflete sobre os desafios e transformações pelos quais passou a instituição após o fechamento de suas portas, em virtude das medidas sanitárias de diminuição da transmissibilidade do novo coronavírus, com recorte nos aspectos relativos à gestão das ações e equipes, à virtualização e presentificação do museu no ambiente digital e no papel que desempenhou na documentação do tempo pandêmico. Como caso de análise, focaliza-se a exposição *Arte em tempos de COVID-19*, realizada entre os meses de abril e junho de 2020, destacando o papel da exposição em documentar e comunicar a arte cearense por meio de novos recursos expográficos, como as redes sociais digitais, e do significado da ação em ativar redes e parcerias em prol da saúde cultural, na democratização dos bens culturais e na valorização da arte e da cultura em momento de isolamento físico.

PALAVRAS-CHAVE: Museu de Arte. Pandemia. Exposição Virtual. Gestão. Documentação.

THE UFC ART MUSEUM AND ITS PERFORMANCE IN PANDEMIC TIMES: EXPERIENCES AND EXPERIMENTS IN MANAGEMENT AND EXHIBITION

ABSTRACT: *This article presents management and exhibition experiences developed by the UFC's Art Museum (Mauc) in times of pandemic. It reflects on the challenges and transformations that the institution went through after the doors closed, due to the sanitary measures to decrease the transmissibility of the new coronavirus, with aspects related to the management of actions and teams, to the virtualization and presentation of the museum in digital environment and the role it played in documentation of pandemic time. As an analysis case, we focus on the exhibition *Art in times of COVID-19*, held between April and June 2020, highlighting the role of the exhibition in documenting and communicating Ceará art through new expographic resources, such as digital social networks, and the meaning of the action in activating networks and partnerships in favor of cultural health, in the democratization of cultural goods and in the valorization of art and culture in times of physical isolation.*

KEYWORDS: *Museum of Art. Pandemic. Virtual Exhibition. Management. Documentation.*

¹ Museóloga formada pela Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio). Mestre em Museologia e Patrimônio pela UniRio em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast). Especialista em Gestão Cultural pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Trabalha no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará (Mauc/UFC), desde 2008, desempenhando a função de museóloga e responsável pela Divisão de Acervo. Desde 2018, ocupa a função de diretora do Mauc/UFC. E-mail: graciele@ufc.br

² Especialização em Estratégia e Gestão Empresarial na Universidade Estadual do Ceará. Possui graduação em Administração pela Universidade Federal do Ceará (2013). Tem experiência na área de Administração em gestão de equipes e elaboração de projetos culturais. Coordenou o projeto "Museu de arte: Comunicando Arte e Cultura na UFC" e atua como colaboradora no Projeto de Extensão "Museu de Arte: Uma nova recepção estética" e no Projeto de Extensão "Laboratório de Práticas Experimentais em Arte e Educação Museal do Museu de Arte da UFC (LAPEArte/Mauc)". Tem interesse em pesquisas sobre gestão em instituições culturais. Atualmente é Administradora no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará. E-mail: helem.ribeiro@ufc.br

³ Bacharel em Museologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast). Museólogo do Museu de Arte da UFC (Mauc), atualmente exercendo a função de Coordenador do Núcleo Educativo (NEMauc). E-mail: smr.museologo@ufc.br

⁴ Endereço: Avenida da Universidade, nº 2854 - Benfica - Fortaleza/CE. CEP: 60020-181. Telefone: (85) 3366-7481. E-mail: mauc@ufc.br

O MUSEU DE ARTE DA UFC E A SUA ATUAÇÃO EM TEMPOS PANDÊMICOS: EXPERIÊNCIAS E EXPERIMENTAÇÕES EM GESTÃO E EXPOSIÇÃO

1. INTRODUÇÃO

O que será do futuro? Qual futuro queremos, sonhamos e qual teremos? O devir⁵, como sempre, é uma incógnita. As noções de tempo, que não são universais, mais do que nunca estão embaralhadas em um jogo complexo de emergências e refigurações que ora nos fazem acreditar que estamos vivendo realmente coisas absolutamente novas, porém, noutras circunstâncias, no mesmo presente, confrontamos com coisas que pensávamos superadas, mas que teimam em ressurgir.

No meio disso tudo e na particularidade de cada coletividade social, questões são colocadas, respostas são oferecidas e ações são postas em marcha, em uma sociedade anestesiada e sufocada por inúmeras novidades e coisas nem tão novas. Assim, as reflexões sobre o papel dos museus, da memória e do patrimônio nunca mobilizaram tantas pessoas em diferentes partes do globo, provocando irrupções e questionamentos em numerosos campos de conhecimento, inclusive na Museologia. Afinal, o que é o museu? A quem e a quais interesses servem? Quais papéis e funções cumprem em tempos ditos “normais” e em tempos pandêmicos? Como serão no “novo normal”?

A pandemia de COVID-19 tem produzido abalos mundiais e um balanço de suas ressonâncias em nossas vidas ainda é impossível de ser elaborado com consistência, visto que estamos imersos na avalanche de consequências e preocupações geradas pela expansão mundial do vírus, pouco conhecido pela ciência e que gera em diferentes disciplinas uma corrida desesperada por uma vacina que consiga detê-lo. *Pari passu* à disseminação viral, vão se evidenciando com maior robustez e nitidez as fragilidades e as profundas desigualdades vivenciadas por enormes grupamentos humanos, despossuídos do poder econômico e do acesso universal e equânime à saúde, educação, saneamento, moradia, cultura e às tecnologias de informação e comunicação. Em um momento tal, como pensar, fazer e viver museu?

Pela necessidade de redução da transmissibilidade viral, nossas instituições geograficamente localizadas cerraram suas portas. Museus, escolas, universidades, teatros, bares, todos fechados. As medidas sanitárias adotadas, algumas com resistência de certos setores sociais, desafiaram gestores públicos e privados, gerando inúmeras controvérsias e acirradas disputas políticas e econômicas. Em meio

⁵ O dicionário de Filosofia Abbagnano define o termo *devir* ou *vir-a-ser* como sendo o mesmo que *mudança*. Na visão de Aristóteles e Hegel trata-se de “Uma forma particular de mudança, a mudança absoluta ou substancial que vai do nada ao ser ou do ser ao nada.” (ABBAGNANO, 2007, p. 313). A utilização da palavra devir neste contexto está associada à impossibilidade de prever aquilo em que o amanhã se tornará, ou seja, aqui o devir tem este sentido de mudança absoluta porque carrega a possibilidade de movimento que pode desconstruir e reconstruir cenários sociais, partindo do que é ao que não é e vice-versa.

a esse turbilhão de eventos e acontecimentos, buscamos nos movimentar como museu de arte universitário, que tem como missão:

Produzir conhecimento através da arte, compartilhando experiências inspiradoras e envolventes de acolhimento, preservação, pesquisa e inovação para promoção do patrimônio cearense e da UFC (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2019, p. 4).

Nossa missão é condutora de nossos pensamentos, gestos e ações. Está na base de nossos projetos e foi também fonte de orientação para um movimento de reinvenção e metamorfose. Em casa, cada um e cada uma que fazem do museu um organismo social vivo e pulsante se viu com a tarefa de mobilizar a nossa missão em uma nova circunstância, com desafios inteiramente novos, que demandaram igualmente estratégias inovadoras e diferenciadas.

Este artigo objetiva apresentar um pequeno recorte do que fizemos neste período de pandemia. Ao registrarmos e refletirmos sobre nossos desafios, experiências e experimentações, esperamos contribuir com os debates mais amplos do campo museológico sobre a realidade atual e como as instituições têm lidado com as questões que ela apresenta. Não se trata, portanto, de uma pesquisa acadêmica dissociada do contexto museal concreto ou de um olhar distanciado, mas de uma elaboração fincada na prática, imersa na complexidade das buscas por manutenção de vínculos e relações entre museu e sociedade, e dos saberes e fazeres que se constroem no nosso cotidiano e a partir de tais relações. Portanto, nos posicionamos como agentes implicados e comprometidos com a ação-reflexão no campo museal, como profissionais de museus que nos seus trabalhos têm a função social como horizonte de pensamento-ação-transformação, não exatamente nesta ordem, mas como gestos e movimentos que se imbricam em múltiplos níveis e proporções.

Pensar o lugar das coleções e museus universitários como patrimônio é um desafio real para os gestores e profissionais destas instituições devido ao contexto de estruturação e definição de prioridades das políticas educacionais e que impactam diretamente nos investimentos e na manutenção das ações desenvolvidas pela área cultural. Antes de adentrarmos nas ações desenvolvidas durante a pandemia, faremos uma contextualização do Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará – Mauc/UFC, instituição esta que nasce do sonho de um reitor em criar um museu de arte no estado⁶ e que caminha no sentido contrário aos museus e às coleções universitárias “tradicionais”, que nascem de projetos de ensino e pesquisa.

⁶ O Mauc foi criado em 1961, por meio da Resolução Nº. 104, de 18 de julho de 1961. Em obra memorialística, o Reitor Antônio Martins Filho, fundador da UFC e do Mauc, assim se referiu à criação da instituição: “Compreendi [...] que teria tido maior rendimento nas minhas esporádicas visitas aos museus da Europa, se estivesse mais familiarizado com o mundo maravilhoso das artes plásticas. Concluí que deveríamos iniciar o movimento pró-fundação do Museu de Arte da Universidade. Idéia, aliás, várias vezes discutida com a Senhora Heloísa Juaçaba, com os pintores Zenon Barreto e Antonio Bandeira, além de outros amigos que apoiavam irrestritamente a iniciativa.” (MARTINS FILHO, 1996, p. 97).

O Mauc é um órgão suplementar/equipamento cultural ligado ao Gabinete do Reitor desta instituição. Tem duas características próprias que definem bem seu perfil e missão junto à sociedade cearense: ser um museu tradicional que mantém sob sua guarda um acervo voltado exclusivamente para o conjunto artístico: artes plásticas modernas, arte popular nordestina e arte sacra; e está vinculado à academia/Universidade sendo, portanto, um museu universitário (SIQUEIRA; CORREIA; COSTA, 2019), derivando disso a necessidade de articular solidariamente ensino, pesquisa e extensão, em equilíbrio com as funções museológicas clássicas.

Devido a elaboração de políticas institucionais para a área da extensão universitária, cultura e Museologia dentro de uma universidade pública na região nordeste do Brasil, o Mauc foi se destacando ao longo destes 59 anos de existência, não só como um dos maiores e principais museus do Ceará em termos de coleção museológica (aproximadamente 7 mil itens), documental (arquivo institucional e arquivo pessoal Jean-Pierre Chablos cuja coleção pessoal conta com um fundo arquivístico chancelado com o Selo Brasil Memória do Mundo da UNESCO) e bibliográfica (datada da criação da instituição e com aproximadamente 7 mil exemplares). Destaca-se também o seu papel formativo no campo das artes plásticas (programa de bolsas e oficinas) e o seu papel no envolvimento com a sociedade cearense por meio de circuito expositivo de longa duração e na realização de mais de 200 exposições temporárias em suas galerias, cuja origem e ocupação ao longo do tempo remete ao cenário artístico local, nacional e internacional e às unidades acadêmicas e administrativas da universidade.

Há dois anos, este museu artístico e universitário, equipamento quase sexagenário e primeiro museu de arte do Ceará, iniciava um processo de mudanças e de encerramento, renovação e criação de ciclos após uma longa gestão administrativa. Iniciava-se ali, em 2018, um novo modelo de gestão com perfil mais técnico para a instituição e mais antenado com as questões da área museológica e da gestão universitária.

2. MAUC NA PANDEMIA: PLANEJAMENTO E NOVAS FORMAS DE PRESENTIFICAÇÃO

Desde 16 de março com as portas fechadas, com base nas medidas adotadas para o controle da pandemia, o Museu de Arte da UFC, assim que entrou em quarentena, colocou a si uma série de questões e desafios. Foram perguntas difíceis, mas urgentes e necessárias, mobilizadoras e mobilizantes de novos fazeres e pensamentos: como existir em tempos de pandemia? Qual seria o nosso papel? O que poderíamos fazer? Quais seriam os caminhos que adotaríamos para manter os nossos vínculos sociais? Enquanto, dia

após dia, éramos e continuamos a ser surpreendidos pelo número alarmante de mortos, luto e luta se imbricam na persistência pela vida – pessoal, institucional e coletiva⁷.

Os museus estão respondendo de diferentes maneiras ao tempo presente e aos inúmeros desafios que ele nos apresenta. Da produção e divulgação de conteúdos nas redes sociais digitais, passando pelas campanhas de apoio e mobilização social levadas a cabo pelos museus comunitários e mesmo por museus tradicionais, temos visto uma movimentação intensa e extensa.

A Semana de Museus e a Primavera dos Museus deste ano, eventos nacionais e realizados inteiramente online, foram bons termômetros da vivacidade do campo museal brasileiro, apesar dos inúmeros reverterios de um 2020 atribulado, complexo e cheio de contradições. Contudo, nem todas as novidades são auspiciosas: as demissões em massa e os ajustes de contratação, afetando enorme e significativamente os Setores Educativos, apontam para um cenário delicado, de crescente esvaziamento e desmonte das políticas públicas e de desamparo às instituições que, por sua vez, repassam o ônus da crise àqueles e àquelas já tão vulnerabilizados: as trabalhadoras e os trabalhadores⁸.

O Mauc, como instituição pública, mantido por uma universidade federal, sofreu pouco os abalos gerais observados no campo. O fechamento das suas portas implicou em uma reorganização de sua existência, mas não aconteceram demissões, o que, diante de tudo que temos observado, é um alívio. Entretanto, foi tempo de repensar o museu, a sua dinâmica e pôr em marcha novas formas de existir, de se conectar com a classe artística e com os públicos. O tempo pandêmico exigia uma digitalização de nossa existência e assim procedemos, dentro das possibilidades e limitações de nossa atual realidade.

Esta nova abordagem imposta pela pandemia às instituições de cultura foi deveras desafiadora, principalmente pela falta de recursos tecnológicos adequados para seu desenvolvimento. As implicações surgem tanto nas questões que envolvem as propostas de ações em meio digital para e com os públicos, como também no desenvolvimento do trabalho interno pela equipe. Não obstante os aspectos positivos do teletrabalho, Rosenfield e Alves (2020) destacam que esta modalidade laboral é mediada pela tecnologia da informação; o outro torna-se neste processo imagem, som e texto. Isto certamente tem um grande

⁷ Em artigo recente, publicado na Folha de São Paulo, Bruno Brulon Soares e Renata Vieira da Motta, ambos vinculados ao Conselho Internacional de Museus (ICOM), abordaram os “Museus em tempos de Covid-19: o luto e a luta”, em que refletem sobre o cenário pandêmico e a dramática realidade do campo museal. Afirmam que “Museus são necessários para o luto e para a luta. No melhor uso que podemos lhes dar, essas instituições da memória podem desempenhar papel regenerativo sobre a vida das pessoas, e restaurativo do viver em sociedade, atuando sobre a nossa capacidade de reformular o passado no presente. Ao mesmo tempo, guardam o substrato de que precisamos para resistir e para lutar por um futuro melhor.” (SOARES; MOTTA, 2020, s. p.).

⁸ Ainda no início da pandemia no Brasil, em meados de março/abril, notícias sobre a demissão de equipes Educativas começaram a ser divulgadas nas redes sociais. As primeiras demissões ocorreram nos Estados Unidos e em países europeus e alcançaram o nosso país, gerando uma intensa mobilização de educadores(as), especialmente a partir das Redes de Educadores em Museus (REMs) em articulação com o Comitê Brasileiro de Ação Educativa e Cultural do ICOM, o CECA-BR. Para mais informações sobre esse momento e do que vem sendo feito, acessar a “Carta Aberta dos educadores museais brasileiros sobre os efeitos da Pandemia de Covid-19 na educação museal no Brasil”, disponível em: http://www.icom.org.br/files/Carta_Aberta_e_Recomenda%C3%A7%C3%B5es_para_Educa%C3%A7%C3%A3o_Museal_no_Brasil.pdf Acesso em 25 set. 2020.

impacto nas relações de uma equipe anteriormente constituída em um ambiente institucional compartilhado. Por conseguinte, a gestão dos trabalhadores em tempos de pandemia ganhou nuances diferenciadas que exigiram flexibilidade e novas metodologias dos seus gestores.

Ao mesmo tempo que a gestão precisou de novas abordagens, ao longo de 6 meses de quarentena a Equipe e o Museu se reinventaram inúmeras vezes. Assim, o atendimento aos pesquisadores não foi interrompido, os pedidos de uso de imagens, que são de grande importância para difusão do acervo e enriquecimento das pesquisas tiveram continuidade, assim como outras atividades administrativas, incluindo vistorias diárias no prédio, com o intuito de sempre realizar as manutenções necessárias. A equipe também cresceu e integrou três novos profissionais, além de estudantes bolsistas, participantes de projetos de extensão e pesquisa do museu.

Além do trabalho cotidiano, relativo a cada setor, participamos de eventos de outras instituições como alunos e debatedores; fizemos cursos e nos tornamos mais qualificados. As articulações por meio de parcerias intra e interinstitucionais exigiram novos modelos de formalização e foram frutíferas em intercâmbios de ideias, experiências e reflexões, contribuindo para um alcance ainda maior da instituição, bem como na consolidação de sua missão, por meio da construção, inserção ou fortalecimento de redes.

No caso do Mauc, é importante citar que as políticas de gestão que vinham sendo construídas antes do período de isolamento social foram cruciais para o desenvolvimento das ações neste período. A instituição vem definindo bem as atribuições de cada membro no quadro de profissionais, a partir do planejamento sistemático e estratégico, alinhado ao Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFC e consolidado em seu Plano Museológico. Esta medida que, a priori, pode parecer simples, foi de grande relevância para o processamento das demandas de trabalho, na medida em que cada colaborador compreende onde, em um mesmo projeto ou tarefa, começa e termina sua contribuição, o que tem impacto na gestão do tempo no teletrabalho e contribui na qualidade dos serviços públicos prestados.

Destacamos também a criação do Núcleo de Comunicação – NCMauc, em 2018, e do Núcleo Educativo – NEMauc, em 2019. Sobre o primeiro, podemos afirmar que a manutenção do diálogo do Mauc com seus públicos neste período foi, em grande parte, possibilitada pelo fato de os profissionais e bolsistas já terem a experiência da produção contínua de conteúdo sobre o museu em meio digital. Isto diminuiu, em grande parte, a necessidade de treinamentos e orientações de caráter basilar. A produção desta equipe incluiu vídeos, *quizes* e cadernos de colorir ou bordar. As nossas redes sociais, já ativas, foram mantidas de segunda a segunda e disponibilizamos inúmeros vídeos no nosso canal no YouTube. Como resultado, nossa rede se ampliou e contamos atualmente com 27 mil seguidores em diferentes plataformas e redes⁹.

⁹ O Núcleo de Comunicação do Mauc é coordenado pela servidora Kathleen Raelle Silveira, Assistente em Administração com formação em Moda e Mestrado em Artes. A coordenadora desenvolve projetos de extensão e em colaboração com

Assim, criamos formas, apesar do distanciamento, de estarmos mais próximos do público: realizamos *lives* sobre museus, arquivos, patrimônio, arte e cultura. Neste ponto, convém destacar a atuação do NEMauc, na construção das propostas e temas a serem abordados. Isto porque os eventos virtuais, assim como os presenciais, também demandam uma significativa carga de trabalho prévio para que possam ser realizados com sucesso¹⁰.

O Mauc promoveu três exposições virtuais até a data deste relato. Convocamos artistas infanto-juvenis e artistas adultos para ocuparem as nossas redes sociais com suas obras, propostas que se destacam pelo pioneirismo, coragem e ampla adesão¹¹. A exposição *Arte em Tempos de Covid-19* e a exposição *Monólitos: gravura de ponta a ponta* tomaram corpo durante a pandemia, fruto de parcerias anteriormente construídas¹². A *I Exposição Virtual Infanto-Juvenil do Mauc* tomou forma nas celebrações dos 59 anos do museu, em junho, e contou com a participação de 59 artistas (crianças e adolescentes) e 105 obras de arte, com muitas inscrições enviadas por professoras, a partir do trabalho artístico realizado no ensino remoto.

Com a interrupção das visitas mediadas presenciais, o Núcleo Educativo passou a atuar diariamente nas redes sociais, com intervenções em que despertavam a atenção do público para detalhes e aspectos da vida e obra dos participantes das exposições virtuais. Também foram produzidos textos com sugestões de museus, filmes, de livros e de leituras. No mesmo período, o NEMauc desenvolveu o Ciclo Formativo em Arte, Educação e Museologia, inteiramente online, que teve como desdobramento a construção de ações e materiais educativos, como vídeos, oficinas, *artelives* e a criação de um espaço educativo no Instagram (@educativomauc)¹³.

unidades acadêmicas, e conta com uma equipe formada por estudantes bolsistas de diferentes cursos da UFC. Para maiores informações sobre o NCMauc, seus projetos e ações, consultar a página <https://mauc.ufc.br/pt/nucleo-de-comunicacao/>.

¹⁰ O Núcleo Educativo do Mauc desenvolve seus programas a partir de projetos fomentados por diferentes instâncias da Universidade, que permitem a participação ativa de bolsistas de diferentes cursos. Além disso, conta com colaboras(es) voluntárias(os) e parcerias intra e interinstitucionais. Para maiores informações sobre a atuação do NEMauc, seus projetos, programas e ações, consultar <https://mauc.ufc.br/pt/nucleo-educativo/>.

¹¹ Pelo que temos conhecimento, o Mauc foi o primeiro museu brasileiro a abrir uma convocatória pública para duas exposições que buscavam captar e expor o universo artístico durante a pandemia.

¹² A exposição surgiu do diálogo entre a diretora do Mauc, Graciele Siqueira, a professora da UFC e artista Lia Sanders e o médico e professor Marcos Kubrusly. Os três, ao perceberem a movimentação de artistas pelas redes sociais, estabeleceram diálogo para pensar em quais estratégias de valorização da arte e dos artistas poderiam ser desenvolvidas. Assim, o Mauc, em associação com o projeto de extensão Escola Arte Livre (FAMED/UFC e Artes/IFCE), coordenado por Sanders, e com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Unichristus, por seu Pró-Reitor, Prof. Kubrusly, firmaram a parceria que resultou na exposição *Arte em tempos de Covid-19*. Além disso, cabe pontuar as relações anteriores dos agentes envolvidos na proposta com o museu. Sanders havia participado de exposições recentes na instituição, como a *Adjetivo Feminino*, coletiva aberta ao público pouco antes do início da pandemia, e era uma frequentadora assídua do museu com suas turmas. Já a exposição “*Monólitos: gravura de ponta a ponta*”, com curadoria do artista Gérson Ipirajá, foi uma reunião de artistas de diferentes partes do Brasil para uma homenagem ao professor e grande nome da gravura litográfica, Mestre Hélio Soares, do Recife, recentemente falecido. Apresentou um significativo panorama da gravura brasileira contemporânea. A ação foi possível por meio das parcerias já existentes entre o Mauc e Ipirajá, bem como pela ação do Ateliê Livre de Gravura da Escola de Artes e Ofícios Thomaz Pompeu Sobrinho, com o apoio cultural do Instituto Cultural Dragão do Mar e o Studio4 Design.

¹³ Dentre as abordagens significativas e inspiradoras que entramos em contato durante a pandemia, destacamos as reflexões das pesquisadoras Frieda Maria Marti e Edméa Oliveira dos Santos sobre Educação Museal Online, que contribuem para novos olhares e possibilidades para os museus no digital em rede e que estiveram presentes nos debates do NEMauc (MARTI; SANTOS, 2019).

E foi em meio a pandemia que o Museu de Arte da UFC comemorou 59 anos de sua existência, de forma inteiramente digital. Fizemos do espaço virtual nossa grande pista de dança; lembramos exposições, artistas e personagens do Mauc; realizamos edições totalmente online da 18ª Semana Nacional de Museus, do Programa Férias no Mauc e da 14ª Primavera de Museus. No que tange à atuação do Mauc em tempos de pandemia, é crucial dizer que todas estas ações só foram possíveis porque já existia uma forte cultura de engajamento dos profissionais estimulada pela participação e incentivo à autonomia. Assim, cada um fez um pouco e juntos fizemos muito e temos uma certeza: nosso Dossiê institucional gerará muitos estudos pelo feito durante este período e ainda produzirá muitas ressonâncias, internas e externas, visto, inclusive, o aumento exponencial de pesquisadores(as) interessadas(os) em analisar as experiências que vêm sendo desenvolvidas.

3. A EXPOSIÇÃO ARTE EM TEMPOS DE COVID-19

A exposição *Arte em Tempos de COVID-19* surgiu do desejo de estarmos próximos, mesmo que no distanciamento físico. Foi organizada com a dedicação e o rigor que também empenhamos em outras formas de expor; afinal, uma exposição por via digital proporciona muitas possibilidades. Neste texto, focalizaremos alguns aspectos com relação à sua execução, como a documentação e a gestão. Outros tópicos, como os relativos à comunicação e recepção, engajamento e interação dos públicos, não poderão ser abordados, pela limitação do espaço, mas deverão ser objeto de análises futuras.

Mesmo antes da pandemia, era crescente a utilização das tecnologias de informação e comunicação nos museus. Além dos experimentos desenvolvidos em múltiplas aplicações no campo museal, os estudos científicos na Museologia em interface com outros campos de conhecimento vêm aumentando exponencialmente. Segundo as pesquisadoras Silva e Jesus (2019, p. 163),

A vivência e o estudo do patrimônio cultural e dos museus adquiriram outras perspectivas de abordagens e possibilidades de imersão com a ampliação dos usos das tecnologias digitais e de conexão em rede. Esta aproximação, cada vez mais estreita e ao mesmo tempo vasta, mobiliza iniciativas crescentes de pesquisas científicas e de experiências em espaços museológicos, que passam a ser vistos também como ambientes interconectados, espaços de memória expandidos. Ações e investigações desenvolvidas a partir do campo da Museologia, com associações interdisciplinares, que questionam paradigmas e convidam ao pensamento complexo, do que pode ser “tecido junto”, como ensina Morin (2006), em ambientes de socialização de conhecimento.

O surgimento da internet e das novas possibilidades telemáticas alteraram profundamente nossas sociedades e também as formas como pensamos, fazemos e vivenciamos os museus e os patrimônios, em

diversidade e pluralidade. A cultura contemporânea, em um mundo cada vez mais conectado e em rede, passa a ser designada de cibercultura que, segundo André Lemos (2003, p. 12), é

[...] a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70.

Ainda em referência às novas compreensões de cultura, Teresa Scheiner, em texto recente, refletindo sobre a hiperculturalidade e a hipertextualidade nas formas culturais contemporâneas, aponta que:

Assumir o Múltiplo como fundamento implica pensar os muitos níveis (ou dobras) do Real não apenas como fluxo, mas como um continuado pulsar de movimentos de expansão e contração, que criam e recriam realidades. Este seria o âmago do corpo-ser da cultura: uma nuvem pulsante, que se expande e contrai em todas as direções, em plasticidade - não coisa única, mas um fractal, que comporta infinitamente as lógicas relacionais do Todo e das partes. Neste incomensurável corpo-ser, nesta nuvem pulsante onde a mudança constante, a aceleração e o passageiro são quase um atentado contra a permanência, nos individualizamos como singularidades. (SCHEINER, 2020, p. 49)

O trabalho de pensar o Museu a partir de novas lentes teóricas vem sendo uma das características do trabalho de Scheiner. A sua proposição de entendê-lo e analisá-lo como fenômeno sociocultural e não como um edifício que abriga coleções, acepção clássica, abre terreno para compreendermos a emergência de novos modelos conceituais de museu, como o virtual:

Museu virtual é o que ganha corpo e forma na tela do computador. É o museu que se institui no contemporâneo, e que dele herda a face: impessoal, pode ser o museu de um só autor ou o resultado de uma colagem; intemporal, existe apenas no presente; imaterial, independe da existência prévia de testemunhos, podendo surgir pela presentificação imagética das imagens e sensações do museu interior. Desterritorializado, é o museu do não-lugar - e simultaneamente de todos os lugares, pois entra em rede e alcança o mundo em tempo real. E, embora potencialmente alcance o mundo, é a antítese da cultura de massa - pois acessar o museu virtual é um ato isolado, que depende dos tempos e espaços perceptuais de cada indivíduo. (SCHEINER, 1998, p. 108)

As características e os modos de ser do museu virtual, conforme definem a autora, estão em sintonia e coerência com a cibercultura, seus artefatos e inúmeras possibilidades e expansões. O virtual e o digital, termos e conceitos que vêm gerando amplos debates filosóficos e múltiplos usos sociais, adentram mais e mais as nossas existências, pesquisas e atuações. Silva e Jesus (2019, p. 165), ao analisarem brevemente esse universo e ancoradas na reflexão de Pierre Levy, sinalizam que:

Por “virtual”, o filósofo francês entende “toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados,

sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (LEVY, 1999, p. 47). Ele destaca que, “em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas, sim, ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser, diferentes” (LEVY, 1996, p. 15). Desta forma, e longe de defender um só sentido possível, mas sinalizando uma possibilidade mais expandida de uso do “virtual”, a exteriorização do museu e do patrimônio, em movimentos dinâmicos por tempos e espaços, é que expressariam suas virtualidades, e não a existência ou não de referentes no mundo físico.

Assim, é possível pensar o virtual no campo museal não somente ligado às novas tecnologias da informação e da comunicação, mas nos permanentes movimentos de expansão e nas múltiplas potências do Museu como fenômeno sociocultural, que se reinventa e se atualiza a partir de continuadas interações, relações e transformações (MAGALDI, 2010, p. 5-6). Esta breve digressão reflexiva sobre o virtual e os museus se justifica pela necessidade de compreendermos minimamente como diante da pandemia tivemos que virtualizar nossa existência como instituição cultural. Com isso não queremos dizer que o Mauc não estivesse integrado e fazendo amplo uso das TICs e de outros modos de se presentificar em outros territórios, para além do geograficamente localizado, pelo contrário.

Cabe salientar que, desde 1999, quando criou o seu primeiro site na Web, o Museu de Arte da UFC se destacou pelo pioneirismo da ação, que incluía uma arquitetura informacional recheada de conteúdos sobre arte e a presença de recursos inovadores, como a disponibilização de fotos das visitas e dos visitantes em seus espaços expositivos, em uma seção denominada “Memórias das visitas”, que permitiam a continuidade de uma interação com os públicos, gerando um prolongamento dos interesses, das trocas e reciprocidades; a publicação de reproduções digitais em alta resolução de obras de seu acervo, usadas fartamente por professores(as), estudantes e pesquisadores; e de catálogos das exposições.

Além disso, destaca-se em 2014 a criação de sua página no Facebook e, em 2018, de perfil no Instagram e a remodelação do site, ações que ampliaram sucessivamente a presença e as interações do museu nas redes digitais. Contudo, a instituição utilizava o digital em rede, prioritariamente, como meio para expandir suas relações e de promoção de suas atividades, especialmente através da disponibilização de informações, conteúdos e divulgação de eventos e programações. A pandemia encaminhou ou forçou o Mauc e todos os outros museus para um movimento diferenciado; a partir de março de 2020, nos vimos com as portas fechadas e a compulsoriedade de assumir a presentificação digital como uma via para continuarmos em conexão com os públicos, artistas, pesquisadores(a), estudantes, enfim, com a sociedade a qual servimos e por quem existimos. Este movimento gerou a virtualização do nosso modo de ser, no sentido de uma atualização que se processou nas estratégias de expansão e de ocupação do digital em rede como um, dos possíveis, modos de ser e fazer museus em tempos pandêmicos.

Dessa forma, a exposição *Arte em tempos de COVID-19* foi a primeira inteiramente virtual da instituição e marcou uma nova forma de comunicar. Se o Mauc não é um museu virtual – já que se vincula

inteiramente ao modelo conceitual de museu tradicional, geograficamente localizado, com um prédio, coleção e públicos, enfim, todos os atributos que delineiam o seu perfil diverso daquele que apontamos acima como virtual – o que vivenciamos na pandemia foi o desafio de virtualizar um museu tradicional, de presentificá-lo na internet por meio de estratégias diferenciadas, atrativas e propulsoras de novas conexões e relações. Mesmo que temporariamente, as funções museológicas foram transpostas e reconfiguradas e, a partir desse momento, pesquisar, preservar, comunicar e educar passaram a ser tarefas desempenhadas por cada membro de sua equipe na individualidade de cada casa, de cada situação particular, assumindo as potencialidades e também as limitações do novo formato.

Ao lançar uma convocatória pública para fazer a sua exposição, o museu se abria para novos(as) artistas e para aqueles(as) já consagrados; permitia-se integrar às suas coleções novas percepções, estéticas e poéticas; recebia, da generosidade daqueles e daquelas que aceitaram o convite, leituras singulares e potentes do momento pandêmico e, com isso, aportava sua contribuição na captação de um retrato, mesmo que incompleto, mas extremamente valioso e significativo, da arte cearense e brasileira do tempo presente. Por meio desta estratégia, foi possível criar novos laços, estreitar antigas parcerias e relações, bem como contribuir com a documentação da arte em tempos de COVID-19, em conexão e em cumprimento de sua missão institucional e de seu papel como um equipamento cultural que atua como catalisador no âmbito da memória, do patrimônio e da documentação destes fenômenos pelo recorte artístico.

A esta altura de nossa escrita, gostaríamos de retomar as perguntas que abrem este artigo. No início de nossa reflexão, perguntamo-nos sobre o futuro. Mas, e o presente? Não teríamos aqui espaço suficiente para articular uma reflexão mais densa sobre o tempo e suas complexidades. Mas, uma das questões prementes para o campo museal é como as instituições, em sua diversidade de formatos e expertises, temáticas e recursos, estão atuando e pensando o presente. Já apontamos também acima a vitalidade da ação dos museus neste momento de pandemia. Mas, como tudo que está sendo feito, produzido e disseminado tem sido registrado, documentado, preservado, armazenado e disseminado? São problemáticas muito caras à Museologia e a campos próximos, como a Arquivologia, a Biblioteconomia, a Ciência da Informação, a História, dentre outros, que lidam mais diretamente com a memória e com os registros e fragmentos da existência humana em seus territórios físico e simbólico.

Ao lado da *museodiversidade* (CHAGAS, 2008, p. 114) que caracteriza o universo museal brasileiro e mundial, verificamos e constatamos também uma *museodesigualdade*. Esta última se expressa pelas dificuldades ou impossibilidades de acesso e manutenção de recursos humanos, financeiros e tecnológicos, para a ação museal em suas possibilidades maximizadas, alavancadas por condições favoráveis de exercício das funções museais em articulação com as respectivas missões institucionais. As distorções e desníveis no acesso a financiamentos públicos e privados e, no caso brasileiro, as crises políticas e as mudanças na

gestão da cultura, da ciência e da tecnologia, sinalizam para tempos ainda mais difíceis e desafiadores. A seguir, refletimos sobre alguns aspectos da documentação e de como a nossa exposição foi também um modo pelo qual o Mauc atuou, por meio de sua expertise, para o registro, a preservação e a disseminação da arte produzida em tempos de afastamento físico e de interações digitais.

4. DOCUMENTANDO O TEMPO PRESENTE: QUESTÕES E DESAFIOS PARA A GESTÃO DE BENS CULTURAIS MUSEALIZADOS

A documentação é uma função e uma prática fundamental em qualquer museu. Podemos compreendê-la como os modos pelos quais as instituições organizam e representam as informações associadas aos bens culturais que salvaguardam, com fins de recuperação e disseminação (FERREZ, 1994; CERAVOLO & TÁLAMO, 2007). Portanto, é parte significativa da musealização, ou seja, do processo que faz com que certas evidências do mundo, selecionadas, sejam incorporadas às coleções (DESVALÉES & MAIRESSE, p. 56-58).

Um objeto, seja qual for o seu suporte, dissociado dos seus aspectos informacionais e contextuais, torna-se empobrecido, seja para fins de comunicação, educação ou de pesquisa. Assim, as práticas documentais nos museus alimentam novos olhares e investigações que, por sua vez, realimentam o sistema documental, produzindo ciclos incessantes de produção de informações e registros com potencial para a geração de conhecimento e do novo, terreno fértil para as práticas educativas e para a construção colaborativa de sentidos.

Com isso, de modo mais amplo, podemos pensar que o museu é sempre uma forma de documentar o Real, por meio de fragmentos de mundo valorados e aos quais se atribui musealidade, ou seja, um valor distintivo que orienta as práticas de seleção, colecionamento e preservação. Em sintonia com Scheiner (2013, p. 372), compreendemos museu como

[...] fenômeno ou acontecimento, identificável por meio de uma relação muito especial entre o humano, o espaço, o tempo e a memória, a que denominaremos musealidade. A base conceitual do museu é a espontaneidade: sem criação, não há museu. Musealidade seria a potência ou qualidade, identificada em certas representações do real, que as tornaria relevantes, na ótica de determinados grupos sociais – e, portanto, passíveis de musealização (subordinação a parâmetros específicos de proteção, documentação, estudo e interpretação). A percepção da musealidade é produto dos sistemas de valores específicos a cada cultura, no tempo e no espaço: relaciona-se ao seu modo de ser e de estar no mundo. Como valor atribuído, o conceito de musealidade poderá modificar-se, de acordo com os sistemas de pensamento das diferentes sociedades, em seu processo de evolução. Consequentemente, o que cada grupo social percebe e define como museu pode também mudar.

Ao atribuímos musealidade e quando colocamos em marcha as operações técnico-científicas museológicas, compomos, com outros agentes e agências, modos específicos de nos relacionarmos com o mundo, de representá-lo e de perpetuá-lo, sempre fragmentário, mas virtualmente totalizante (MORENO ROCHA, 2018, p. 14-21). Cada fragmento de nossa existência, pois, guarda a potencialidade de múltiplas leituras e olhares, de infindáveis possibilidades de apropriação nos circuitos difusos e muitas vezes (i)mapeáveis de circulação, usos e abusos de bens e representações.

No caso de nossa exposição, o processo de musealização foi desenvolvido com base numa convocatória pública, lançada à sociedade, mais precisamente, às e aos artistas. Como critérios, não foram definidos elementos de uma curadoria restritiva, mas foram acolhidas todas as inscrições recebidas, desde que respeitados certos princípios, conforme o item 5.3 da Convocatória¹⁴. Também, em sintonia com nossa missão, recorte territorial e capacidade técnica, o museu limitou a participação às(aos) artistas nascidos ou residentes no Ceará.

Além disso, cabe destacar que o item 2.1 da Convocatória firmava outro recorte importante: participariam da exposição obras produzidas a partir de 15 de março de 2020, ou seja, data em que foi decretada as medidas de isolamento social no Ceará. A nossa perspectiva era de justamente expor o que estavam produzindo as(os) artistas em suas casas e ateliês, durante a pandemia. Quanto às técnicas artísticas, contemplava as seguintes: pintura, gravura, desenho, escultura, fotografia, ilustração, arte digital, bordado, charge e performance. A exposição recebeu produções em todas as técnicas elencadas.

A preocupação com aspectos relativos à gestão de coleções tem sido uma característica do Mauc desde os seus primeiros anos. De modo que, com a exposição virtual, precisaríamos pôr em cena e mobilizar os nossos saberes para viabilizar do melhor modo possível a organização, representação e recuperação das informações. Antes de tratarmos deste tópico, porém, para melhor compreendermos o processo de musealização na exposição em tela, faremos uma breve digressão para recuperarmos algumas informações importantes sobre como o Mauc vem lidando com seu acervo e a historicidade de suas práticas de documentação, já que a exposição virtual abre um novo campo de possibilidades e de desafios no sistema atual.

4.1 A CATALOGAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO MUSEOLÓGICA NO MAUC

A documentação museológica do Mauc é constituída de Resolução de criação, Regimento Interno, Livro de Tombo, Ficha Catalográfica, Base de dados Donato (atualmente inativa), Recibo de compra, Termo de Doação, Termo de Empréstimo, Termo de Uso do espaço expositivo, Termo de Cessão de

¹⁴ O item definia que “Conteúdos que incitem violência, preconceito, racismo, pornografia ou que desrespeitem a imagem de pessoas e instituições não serão aceitos para integrar o projeto e serão excluídos.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2020, p. 3)

imagem, Recibo de Doação, Formulário de Pesquisador, banco de imagens do acervo, Plano Museológico e Planejamento Estratégico.

A documentação museológica referente à catalogação do acervo de valor artístico, iniciou no ano de 1964, com a elaboração da primeira ficha catalográfica e dos livros de tombo (Geral e Cultura Popular) e iniciada a catalogação em 1965. Na década de 1970, com a presença do museólogo Henrique Medeiros Barroso, egresso do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional em 1966, a ficha foi revista e ampliada, recebendo novos campos. Os livros e o tipo de numeração escolhida nos anos iniciais do Museu foram mantidos pelo profissional.

O Mauc adotou o seguinte tipo de numeração em cada livro: Número geral (Ex. G.0001) e Número específico de acordo com a categoria do objeto (EX: AS0001 – Arte Sacra / DE0001 – Desenho / GR0001 – Gravura / XL0001 – Xilogravura / AP0001 – Arte Popular / CD0001 – Cerâmica Decorativa / POL0001 – Pintura Óleo / etc). Esta opção de escolha de numeração era uma das mais adotadas na década de 50 a 70 pelos museus brasileiros e hoje, grande parte optam pela numeração universal de 00001 ao infinito. No Mauc esta escolha é bem resolvida no tratamento do acervo, uma vez que a coleção conta com aproximadamente 7 mil peças, no entanto, o grande desafio é trabalhar com dois livros distintos em que o número geral se repete em ambos. Como forma de facilitar a recuperação da informação, temos optado por trabalhar com os números específicos.

Dentro de uma política institucional de identificação do seu patrimônio, na década de 1990 o acervo foi patrimonializado e inserido no sistema de patrimônio geral da Universidade Federal do Ceará. Dentro de uma nova ação específica de levantamento, identificação, valoração e inventário geral da UFC, entre 2014 e 2015, o acervo passou por um novo inventário realizado pela empresa Ernest & Young. Nesta ocasião, realizou-se a conferência do que já se encontrava disponível no sistema e foram inseridos todos os bens museológicos que entraram após o inventário da década de 90, sendo inseridos no sistema patrimonial adotado pela Divisão de Patrimônio da universidade. Em termos de numeração, o acervo do Mauc tem o número geral, o número específico, o número de ordem de catalogação anual e o número de patrimônio da UFC. No entanto, nas peças são registrados apenas os dois primeiros números, para fins de identificação.

A partir de 2008, com a chegada de nova museóloga, a Ficha Catalográfica foi readequada, respeitando os itens das duas fichas elaboradas nos anos iniciais do museu, alterando apenas a ordem de alguns itens. Neste mesmo período, foi elaborada uma planilha em excel com toda a documentação e informação oriunda do Livro de Tombo. Outra inovação foi a solicitação junto ao Museu Nacional de Belas Artes, em 2009, para disponibilização gratuita da base de dados Donato. A base foi alimentada até 2015, quando o computador servidor apresentou problemas técnicos e na atualização do próprio programa. Atualmente, o Mauc está estudando a base de dados Tainacan, com previsão de implantação

para o ano de 2022, como plataforma de documentação. A mesma vem sendo utilizada por muitos museus brasileiros, em especial, os universitários e os do Ibram.

Com esse breve panorama, destacamos um pouco do histórico e das condições com que vem sendo desenvolvidas as práticas de documentação na instituição, sinalizando para a atenção que tal aspecto do trabalho museológico recebeu desde os primeiros anos do museu. A partir das suas coleções musealizadas, o Mauc é um manancial infinito de informações e de documentos relevantes para a História da Arte e da Cultura do Ceará, do Brasil e do mundo, visto que seu acervo compreende amplos universos da produção artística, principalmente do século XX.

A pandemia e a proposta de uma exposição virtual ativaram novas possibilidades de aquisição de bens culturais, que passam a dialogar com o conjunto de objetos preservados. Contudo, a entrada dos novos itens ocorre por aquisição diversa da tradicional. Nem objetos físicos chegaram ao museu, nem as tradicionais fichas catalográficas foram postas na mesa. A virtualização do Mauc e a sua presentificação na internet em tempos de pandemia conduziu a novas formas de coletar, de documentar, de expor e de comunicar. Para tanto, foi a partir das novas demandas e da realidade institucional que as funções museológicas clássicas foram reordenadas sob novo marco: o do digital.

4.2 DOCUMENTANDO UMA EXPOSIÇÃO VIRTUAL: ELOS PARA A COMUNICAÇÃO E A EDUCAÇÃO

Como apontamos anteriormente, a exposição *Arte em tempos de COVID-19* foi produzida a partir de uma Convocatória Pública, divulgada no site e nas redes sociais do Museu. A escrita do documento-convite foi um trabalho coletivo, rascunhado por muitas mãos, mentes e desejos por reposicionar o papel e a missão da instituição em um momento difícil, de reinvenção e de transformações aceleradas. Contribuíram os olhares da Museologia, da Administração e da Comunicação, em uma sinergia que foi imprescindível e fundamental para o sucesso da empreitada. Em seu preâmbulo, o documento anunciava:

O Museu de Arte da UFC – MAUC suspendeu temporariamente as suas atividades presenciais devido às orientações de isolamento em decorrência da pandemia do COVID-19, mas a sua equipe continua trabalhando remotamente e encontrando caminhos para divulgar as suas exposições e os artistas. Temos percebido nas redes sociais que muitos(as) artistas já estão refletindo sobre o isolamento social e os efeitos da pandemia em seus trabalhos e acreditamos que essas imagens possam inspirar a nossa sociedade a atravessar este momento tão difícil através do Movimento diário de ARTE EM TEMPOS DE COVID-19. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2020, p. 1)

Com isso, o Mauc destacava o poder e a importância da arte e das(os) artistas em tempos pandêmicos, colocava em evidência o valor do trabalho realizado pelos agentes deste universo e da

imprescindibilidade da cultura em um dos momentos mais graves e difíceis de nossa história recente. Ao fazer o convite, delineava também os objetivos da exposição:

- 1.1 Promover a valorização diária da arte e dos artistas cearenses ou residentes no Ceará;
- 1.2 Disponibilizar nas redes sociais do Mauc, um conteúdo diário sobre os artistas participantes, uma minibiografia e a sua produção artística contemporânea;
- 1.3 Manter atualizado o público que usufrui dos serviços prestados pelo Mauc (físico e virtual) sobre o cenário artístico em tempos de pandemia;
- 1.4 Manter a saúde mental dos artistas e da sociedade;
- 1.5 Contribuir para a documentação do tempo presente, através da coleta e sistematização da produção artística contemporânea cearense através das mídias digitais. (UNIVERSIDADE FERAL DO CEARÁ, 2020, p. 1-2)

A perspectiva de que arte e museu são importantes e centrais para a saúde foi um dos horizontes inspiradores para a mostra. Sobre isso, cabe recuperar o trabalho reflexivo da museóloga Heloísa Helena Costa, que há alguns anos vem pensando e construindo o conceito de saúde cultural. Para a autora,

Saúde Cultural é a capacidade que o indivíduo adquire de, através da percepção do valor dos bens culturais que compõem seu patrimônio, superar questões complexas da existência e melhorar sua qualidade de vida na qual o afeto catalisador, a memória afetiva e a autoestima elevada são fundamentos de base para obtenção da saúde integral. (COSTA, 2012, p. 91 apud COSTA, 2020, p. 155)

Uma das experiências emblemáticas nos campos museal, da saúde e da arte analisada por Costa é a ação da psiquiatra Dr.^a Nise da Silveira, pioneira nos usos terapêuticos da arte no Brasil e no mundo. A sua atuação orientada por uma perspectiva humanística e holística gerou profundas transformações na sociedade, com resultados visíveis na reforma psiquiátrica, no surgimento do Sistema Único de Saúde (SUS) e tantas outras reverberações, dentre as quais situam-se a criação do Museu de Imagens do Inconsciente, no Rio de Janeiro, território de sua ação transformadora e revolucionária. Na epígrafe da nossa convocatória aos artistas, Nise compareceu, com sua fala provocadora e inspiradora: “É necessário se espantar, se indignar e se contagiar, só assim é possível mudar a realidade.”. Assim como Nise, acreditamos no poder transformador da arte, dos museus e da valorização de nossas memórias, individuais e coletivas.

Mas, se a saúde era um tópico motivador de nossa ação durante a pandemia, acreditando no poder da arte e dos bens culturais, ela não se descola de nossa expertise, da contribuição que poderíamos oferecer à sociedade a partir do trabalho específico que realizamos como museu. Cada instituição, dentro de suas possibilidades, é importante e vital na superação coletiva de um momento traumático e permeado de dor, sofrimento, angústia e desolação. Como dizia Ferreira Gullar, também presente em nossa convocatória, “a arte existe porque a vida não basta.”. Parafraseando-o, podemos também dizer que os museus só existem porque a vida só tem sentido se pensada em relação, entre nós e os outros, entre nós e nós mesmos,

entre nós e o cosmos, nas malhas infinitas de significados e sentidos que atribuímos à nossa existência coletiva. Como diz Scheiner, o museu contemporâneo não é

[...] o templo das musas, um espaço de memória, a sala do tesouro, não um todo instituído - espaço ou território patrimonializado - mas **um evento, um acontecimento, uma eclosão da mente ou dos sentidos**. Potência absoluta, o Museu é o que pode ser; está em todas as partes e tomará a forma que lhe for possível, no tempo desejado, para representar, comunicar, criar e fazer sentido das coisas, sobre as coisas (e apesar das coisas), ainda que para isto seja necessário simular e seduzir. (SCHEINER, 1998, p. 144, destaque no original)

Pensando no que poderia ser o Mauc em tempos pandêmicos, a exposição mostrou-se um caminho possível para novas formas de ser e de se fazer processos museológicos. Abríamos uma via, portanto, para um processo de colaboração e participação efetiva e afetiva de 129 artistas que integraram a mostra, descortinando uma densidade artística que nos revelou que, apesar da pandemia, haveria vida e esperança enquanto houvesse humanidades conectadas e irmanadas, partilhando sentidos e desejos de regeneração e superação.

Definida e divulgada a convocatória, o trabalho continuou a todo vapor nos bastidores. O museólogo e a técnica em arquivos fizeram inicialmente uma verificação das inscrições enviadas por meio de e-mail, de modo a identificar inconsistências e responder às pessoas com o pedido de complementação, caso necessário. O sistema de documentação museológica foi criado com os recursos que tínhamos à disposição: tabela de Excel e pastas com a identificação de cada artista, no Drive da conta de e-mail que utilizamos.

A Coleção Digital Arte em Tempos de COVID-19 reúne, portanto, objetos digitais de todas as obras enviadas e aceitas para a exposição. A cada artista foi atribuído um número de identificação - respeitada a ordem de recebimento da inscrição - e cada um(a) recebeu uma pasta específica, na qual eram adicionadas as imagens das obras (tendo como título o número de registro atribuído) e a foto da(o) artista.

Na tabela Excel, tínhamos os seguintes campos para inserção dos metadados:

- 1) Número de entrada: numeração geral, sequencial, que identifica cada objeto digital na coleção;
- 2) Número de registro: utilizamos um sistema alfanumérico (combinação de letras e números) - ex.: ATC-MAUC-001 - sendo ATC a sigla para Arte em Tempos de COVID-19, MAUC a sigla do Museu de Arte da UFC e a numeração, sequencial, com a possibilidade de comportar desdobramentos (partes de uma mesma obra). O desdobramento foi importante, visto que alguns artistas enviaram mais de uma imagem de uma mesma obra, focalizando diferentes detalhes ou perspectivas. Nesses casos, utilizamos o

desdobramento, identificando as distintas imagens por um único número seguido de letras minúsculas, ex.: ATC-MAUC-001a, ATC-MAUC-001b, etc;

- 3) Autor(a): nome da(o) artista;
- 4) Título: título que nomeia as obras enviadas, atribuído pelo(a) autor(a);
- 5) Técnica: identificação da técnica artística empregada na produção da obra;
- 6) Dimensões/duração: medidas das obras em centímetros (objetos bi e tridimensionais), pixels (quando nato digitais) e duração (caso dos vídeos) em minutos e segundos;
- 7) Ano: ano de produção da obra (no caso, todas as obras foram produzidas em 2020);
- 8) Texto do(a) artista: pequeno texto escrito pelo(a) artista sobre sua obra, os significados, sentimentos e sensações ao produzi-las. Trata-se de um depoimento, muito importante para pesquisas e para a interpretação da produção;
- 9) Data de recebimento: data em que o(a) artista enviou a inscrição;
- 10) Data de registro: data em que a obra foi registrada na coleção;
- 11) Data de publicação nas redes sociais: data em que a obra foi publicada nas redes sociais do Mauc;
- 12) Responsável: técnico responsável pelo registro, no caso, o museólogo.

Esses foram os campos básicos para fins de documentação. Importante registrar que esta foi uma primeira etapa que possibilitou a organização e representação de informações, servindo à produção do Catálogo (que está em fase de organização) e, posteriormente, poderá servir a pesquisas e também a desdobramentos documentais significativos para o museu e para o sistema da arte.

Além disso, cabe pontuar que participaram da exposição 7 artistas integrantes do projeto Cores da Alma, iniciativa de ensino e formação em artes para pessoas com deficiência visual, coordenado pelo professor e artista Dias Brasil. As obras dos artistas “invisuais”, como eles se autointitulam, foram produzidas em período anterior à pandemia. Contudo, pensando na importância de dar visibilidade e reconhecimento a esta produção, acolhemos as suas obras e as expusemos. O registro e a incorporação de tais obras, contudo, foi realizada à parte das demais, em planilha diferenciada, com vistas à manutenção da coerência temática e temporal da coleção Arte em tempos de COVID-19. Desde 2019 que o Mauc vem estabelecendo relações e parcerias com o Cores da Alma e abrir os nossos canais para a presença desses artistas foi gratificante e valioso, tanto para nós, como para nosso público, visto que poucas pessoas conheciam a iniciativa.

Finalizada a etapa de processamento e documentação, com o envio de respostas a todas(os) artistas que se inscreveram, o Núcleo de Comunicação deu início à produção da identidade visual da mostra e durante mais de dois meses, diariamente, os perfis do museu no Instagram e no Facebook serviram para

apresentar aos públicos digitais as produções artísticas enviadas. A planilha com as informações foi diariamente visitada para a coleta das informações para as postagens, sendo um instrumento facilitador das ações. Além disso, destaca-se que todas as obras foram inseridas no perfil do Flickr da instituição (em alta resolução, quando assim foram captadas e enviadas pelos artistas) e cada artista participante recebeu um perfil no site do museu, com as respectivas obras que participaram da exposição.

Com isso, destacamos que nas suas perspectivas de registro e colecionamento, os museus operam sempre por recortes. Certamente não é diferente com a Coleção Arte em Tempos de Covid-19 e a exposição realizada em meios digitais. Ao material que documentamos deverá ser, no futuro, acrescida toda uma gama de outras informações, relativas às interações e diálogos dos públicos com as obras, portanto, às dinâmicas de circulação e recepção. Num mundo de tanta digitalização, operam os museus em novas chaves, reinventando funções e seus próprios modos de atuar, revendo e reorganizando suas linguagens e gramáticas expositivas e seus horizontes sociopolíticos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ainda é de assombro, dúvidas e receios. O futuro, um campo ainda mais aberto e permeável ao imprevisto e ao descontrole - desconhecido. De nossa parte, como um museu de arte universitário, cremos ter feito parte de um movimento mais amplo de documentação e comunicação desse momento pandêmico, construindo possibilidades para o registro e a elaboração de narrativas e discursos que serão também parte do nosso devir coletivo, de nossa memória do presente no futuro.

Foram muitos os desafios de realizar uma exposição através dos meios digitais. Como questões e problemas a serem enfrentados, destacaríamos: como serão preservados os arquivos digitais e os rastros dessa exposição, para além do que foi feito e que expomos neste artigo? Na impossibilidade de aquisição dos objetos físicos, maioria na exposição, de que modo o museu poderá potencializar o digital como mecanismo para ampliação de suas coleções, incorporando tal aspecto à sua política institucional de aquisição e descarte? Como lidar e garantir acesso a tais registros em meios mais perenes e seguros? Como assegurar uma documentação ampla e mais diversa do presente por meio do colecionamento e exposição, garantindo acessibilidade e ampliação de acesso e fruição? Como ampliar as possibilidades educativas dos bens digitais musealizados?

São perguntas para as quais poderíamos especular respostas, contudo, preferimos apresentá-las como provocação, como um modo de nos conectarmos com você, nosso leitor, nessa partilha de experiências e experimentações. Um catálogo da exposição está em produção e certamente será um recurso importante, que apresentará além das informações sobre as obras, também textos da própria equipe que a

produziu e comentários dos artistas que dela participaram sobre como foi a experiência de ocupar as redes sociais do Mauc neste período de pandemia. Entretanto, ainda temos muito o que aprender, pesquisar, sistematizar e refletir sobre as imensas possibilidades e também desafios que se apresentam aos museus na atual conjuntura.

Tanto a arte como os museus vivem movimentos acelerados de transformação e mutação. Esperamos que tais disrupções produzam novas realidades, menos herméticas e assimétricas, mas mobilizando uma construção coletivizada, generosa e comprometida com a vida. Eis, pois, um dos nossos grandes desafios: nos transformarmos, permanentemente, contribuindo com a crítica sistemática e contundente às políticas de morte e construindo um porvir fraterno e justo por meio da memória, do patrimônio e da arte, reconhecendo nas pessoas e nas suas poéticas o valor primordial a ser reconhecido, preservado e valorizado. A nossa ação, em sintonia com tais pensamentos, espera ter contribuído com a saúde cultural de nossos públicos, mas também com todo o movimento mais amplo de profissionais de museus, públicos e sociedade que se mobilizam nesse momento buscando respostas e soluções para o quadro delicado que atravessamos. Se o futuro é uma amplidão de possibilidades e o que ainda não é, ele começa aqui e agora, no nosso presente e é nele que podemos ensaiar novos e diferentes modelos sociais e de museu.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CERAVOLO, Suely Moraes; TÁLAMO, Maria de Fátima. Os museus e a representação do conhecimento: uma retrospectiva sobre a documentação em museus e o processamento da informação. **Anais do VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, 2007, s.p. Disponível em: <http://professor.ufop.br/sites/default/files/mas/files/ceravolotalamo.pdf> Acesso em 27 set. 2020.

CHAGAS, Mário. A radiosa aventura dos museus. In: DODEBEI, Vera; ABREU, Regina. **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Contra Capa/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2008, p. 113-123.

COSTA, Heloisa Helena Fernandes Gonçalves da. Museus fazem bem à saúde? Uma tese sobre museu e saúde na sociedade do século XXI. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 9, n. 17, jan./jul. de 2020, p. 147-157. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/31592/26175> Acesso em 28 set. 2020.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. (Ed.). **Conceitos-chave de Museologia**. Tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. Florianópolis: FCC, 2014.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. In: **Estudos Museológicos**. Rio de Janeiro: IPHAN, 1994, p. 64-73.

LEMOS, André. Ciberultura: alguns pontos para compreender nossa época. In: Lemos, André; Cunha, Paulo. (Org.). **Olhares sobre a ciberultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 11-23.

MAGALDI, Monique Batista. **Navegando no Museu Virtual**: um olhar sobre formas criativas de manifestações do fenômeno Museu. 209 p. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2010.

MARTI, Frieda Maria; SANTOS, Edméa Oliveira dos. Educação Museal Online: a educação museal na/com a ciberultura. **Revista Docência e Ciberultura**, v. 3, n. 2, p. 41-66, set. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/44589> Acesso em 24 set. 2020.

MARTINS FILHO, Antônio. **História Abreviada da UFC**. Fortaleza: Casa de José de Alencar/Coleção Alagadiço Novo, 1996.

MORENO ROCHA, Saulo. **Esboços de uma biografia de musealização**: o caso da Jangada Libertadora. 221 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO/Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. Rio de Janeiro, 2018.

ROSENFELD, C. L.; ALVES, D. A. Autonomia e trabalho informacional: o teletrabalho. **Revista de Ciências Sociais**, v. 54, n. 1, p. 207-233, 2011a. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/dados/v54n1/06.pdf> Acesso em: 28 set. 2020.

SCHEINER, Teresa. **Apolo e Dioniso no Templo das Musas**. Museu: gênese, idéia e representações na cultura ocidental. 152 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

SCHEINER, Teresa. Museologia, hiperculturalidade, hipertextualidade: reflexões sobre o Museu do Século 21. **Museologia & Interdisciplinaridade**, v. 9, n. 17, jan./jul. de 2020, p. 46-63. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/31592/26175> Acesso em 28 set. 2020.

SILVA, Carmen Lucia Souza da; JESUS, Priscila Maria de. Museologia e as tecnologias digitais e em rede: patrimônio e museus em espaços e tempos expandidos. In: ARAÚJO, Bruno Melo de; et al. (Org.). **Museologia e suas interfaces críticas**: museu, sociedade e os patrimônios. Recife: Ed. UFPE, 2019, p. 163-175. Disponível em: <https://orbi.uliege.be/bitstream/2268/239341/3/2019%20E-BOOK%20REDE%20MUSEOLOGIA.pdf> Acesso em 22 set. 2020.

SIQUEIRA, Graciele Karine; CORREIA, Helem Cristina Ribeiro de Oliveira; COSTA, Pedro Eymar Barbosa. Um Museu Universitário de Arte no Ceará - história, coleções e atuação. Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará - Mauc/UFC. **Revista TOM. Cultura, Arte e reflexão**. v. 5, n. 9, p. 153-163, 2019. Disponível em: https://issuu.com/tom_ufpr/docs/tom_9_museus_e_cole__es_final Acesso em: 2 out. 2020.

SOARES, Bruno Brulon; MOTTA, Renata Vieira da. Museus em tempos de Covid-19: o luto e a luta. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 jun. 2020, disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/06/museus-em-tempos-de-covid-19-o-luto-e-a-luta.shtml> Acesso em 25 set. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Museu de Arte da UFC**. Relatório Anual 2019. Fortaleza, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Museu de Arte da UFC**. Convocatória Exposição Virtual – Arte em tempos de Covid-19. Fortaleza, 2020.